

HISTÓRIAS DE TRABALHO DA RECEITA FEDERAL

10ª Edição – 2019

PROSA – 1º Lugar

“ É DESSA MANEIRA”

Lembranças do ano de 2002, Início do trabalho na Receita Federal.

Gilberto de Paula

Em junho de 2002, após ser nomeado no concurso de Técnico da Receita Federal, fui trabalhar na Equipe de Parcelamento da Derat- São Paulo/SP, lá encontrei 6 novos colegas do curso de formação e que estavam entrando em exercício : Lídia, Sueli, Ângelo, Ana Carolina, Nelson e João Carlos. Todos acabamos aprendendo o serviço e o modo de trabalhar da Receita Federal. A equipe se localizava no 7º andar do prédio da Avenida Celso Garcia, no Tatuapé. Nessa época, os avanços tecnológicos já se notavam grandes, mas a diferença com os dias de hoje é bem marcante. Convivíamos predominantemente com papéis, máquinas de escrever, dezenas de armários cheios de processos, carimbos, aparelhos de fax, etc.

Passamos a trabalhar com vários colegas, alguns que já estavam há muito tempo trabalhando na Receita Federal. Uma das pessoas que marcou a nossa chegada foi a Nanci Gusmão, tínhamos que, em pouco tempo, aprender o trabalho e foi basicamente ela que nos auxiliou a entender os meandros dos processos de parcelamento assim como outras coisas mais, como por exemplo , fazer café na cafeteira elétrica e até técnicas de amarrar pilhas de processos com barbantes para preparar para envio pelo malote. No total eram 8 funcionários que teriam que ser treinados: nós os 7 novatos e mais 1 colega que veio transferido de outra equipe. Assim 4 funcionários ficariam com a Nanci e 4 com outra colega, mas isso durou coisa de 1 mês. Todos passaram a ser orientados pela Nanci que tinha mais paciência para explicar com calma os comandos e os sistemas, pois era necessário aprender a deferir ou indeferir o pedido de parcelamento, alocar os pagamentos corretamente no processo, pois era comum ter pagamentos “perdidos” não aproveitados , enviar processos para PGFN, tudo isso de acordo com a legislação vigente e de acordo com os comandos próprios do sistema.

Lembro que achávamos estranho o sistema de tela preta do sistema grande porte IBM, acionado apenas por comandos no teclado pois os computadores já apresentavam interface mais amigável na época com uso do mouse. No entanto, para nossa surpresa, hoje em dia, ano de 2019 ainda o básico do sistema se mantém em uso da mesma forma de operação, temos sistemas como Profisc, Sipade e Tratapar usados até hoje no Parcelamento com o uso das teclas F3, F8, F4, e que aprendemos lá atrás com vários colegas, principalmente a Nanci.

E não era fácil atender às dúvidas de 7 principiantes. Algumas questões ela tinha que responder com a frase “É dessa maneira”, pois eram perguntas que não tinham respostas, estavam fora de contexto. E essa frase ficou sendo uma marca da Nanci para nós, em várias ocasiões passamos a usar entre nós a expressão “É dessa maneira”.

Na época, os processos eram todos “em papel” , mas isso não se falava, pois todos sabiam que se alguém mencionava um processo, só podia ser o processo físico, concreto, feito de papéis, plástico,

grampos, etc. Essa expressão só apareceu alguns anos depois quando passaram a existir processos virtuais e digitais.

O controle de cobrança dos débitos era pelo sistema, através de comandos no teclado que alteravam a situação dos créditos tributários, mas era necessário emitir telas comprovando tudo que era feito e que ficavam anexas ao processo físico, para comprovação documental das ações de cobrança. Era apenas o começo da transição dos controles físicos, “em papel”, para o controle digital, assim havia um trabalho que hoje nos parece “duplicado”. Todos os despachos com decisões eram feitos no computador mas depois impressos, assinados à caneta pelo funcionários e pelas chefias e depois juntados aos processos que tinham todas suas folhas numeradas e rubricadas manualmente, hoje tudo é digital.

Dessa forma, tínhamos os serviços nada “intelectuais” de numerar, rubricar as páginas, carimbar o verso das folhas não utilizadas com a expressão “em branco”, furar e grampear as páginas. E ainda usávamos as impressoras matriciais, com o papel tipo formulário sendo encaixado manualmente na impressora. Estas impressoras faziam muito barulho quando estavam em uso, perturbando o ambiente silencioso da repartição, tanto que o Ângelo e o João Carlos inventaram um sistema de proteção e diminuição de ruídos que isolava a impressora dentro de uma caixa de papelão.

Os funcionários com mais tempo de casa, comparavam com o serviço feito nos anos 70 e 80 e achavam que naquela época estava tudo mais fácil, antes o trabalho era feito “à mão” ou seja escrevendo com lápis e caneta ou datilografando na máquina de escrever, consulta à fichários e micro-filmes, sem sistemas para ajudar no controle, tudo era mais demorado, para nós que estávamos entrando na Receita Federal aquilo tudo já era passado.

Uma dificuldade que tivemos logo no inicio foi ter que trabalhar com processos pendentes de análise, pois a necessidade da equipe era, justamente, acabar com um estoque de processos antigos ainda por analisar, protocolados alguns anos antes. Eram processos com tipos diferentes de parcelamentos que foram sendo criados anos antes de entrarmos na Receita: Refis, Parcelamentos especiais criados por medidas provisórias, como o Parcelamento para ingresso no Simples Federal, serviço que acabou sendo feito pela Lídia e Sueli, e era até mais complexo que os outros, tanto que a gente criou a brincadeira com a sigla SIMPLES, que seria Sistema Intrincado Manual de Parcelamento da Lídia e Sueli.

Tínhamos dezenas de armários que continham os milhares de processos. Havia um controle geral do Ministério da Fazenda, o Comprot que funciona até hoje e indica em que equipe está o processo. Mas era necessário um segundo controle para achar o processo dentro da equipe, senão ficava inviável. Quando entramos estava sendo usado o sistema “Loc-Pro”. Era necessário um controle constante destes sistemas e dos armários onde ficavam os processos, tudo isso hoje desapareceu com a digitalização dos processos.

Para além do trabalho, estabeleceu-se naturalmente uma amizade entre os 7 novatos da equipe. Nestes primeiros tempos íamos almoçar, sendo que muitas vezes era difícil arrumar lugar para todos juntos nos restaurantes.

Nenhum dos sete novos funcionários permanece na Equipe de Parcelamento, aos poucos cada um foi seguindo outro caminho. O Ângelo passou no concurso para Auditor Fiscal da Previdência Social, a Ana Carolina no concurso do Ministério do Comércio Exterior. Nelson foi para o CAC Luz, João Carlos para a Dipol – Recursos Humanos, Sueli para o CAC Tatuapé, eu fui para o CAC CNPJ e a Lídia foi para a Agência de Mogi das Cruzes, muito dessas transferências foi em razão da mudança da Derat para o prédio próximo da Avenida Paulista e também colaborou a chegada de novos funcionários de um novo concurso.

A Nanci também saiu, foi para a Delegacia de Pessoa Física e infelizmente faleceu em março deste ano. Inesperadamente teve um ataque cardíaco e partiu para outra vida deixando um filho de 12 anos, o Mateus que ela adotou e cuidava dele sozinha.

Desde aquele ano de início do trabalho na Receita Federal passaram-se quase 18 anos. Muita coisa mudou nesse período com os avanços tecnológicos, mas algumas coisas se mantiveram. Na época não podíamos saber que as coisas tomariam esse rumo. Eu e a Sueli agora estamos trabalhando no CAC Tatuapé, no mesmo prédio da Avenida Celso Garcia em que começamos. Alguns desses colegas perdemos o contato, assim como perdemos a nossa “instrutora” Nanci Gusmão.

É dessa maneira.